

Da singularidade ao universal, e retorno

Jean-Pierre Drapier

Se não as escrevo, as coisas não chegaram até o fim, apenas foram vividas¹ (1)

Eu estava lendo o último livro de Annie Ernaux, "O Jovem", quando chegou a notícia de que ela havia recebido o maior prêmio da literatura: o Prêmio Nobel que se torna a principal joia de uma coroa de 15 prêmios literários franceses e estrangeiros! Podemos ver aí um reconhecimento universal do valor para todos da mensagem desta grande senhora.

E, no entanto, é o seu desejo singular, articulado com a sua história singular e os seus antecedentes sociais particulares, que constitui a trama da sua obra desde "Os Armários Vazios" (sua infância) até "O Jovem" (o seu desejo tardio, tanto no nível sexual como no da criação) passando por "Uma mulher" (sua mãe, não uma mãe ou a mãe) e "O lugar" (seu pai, não um pai ou o pai) ou "A mulher gelada" (o desejo prisioneiro). São seus afetos e emoções que são analisados: vergonha, desprezo, amor, grande distância entre duas classes sociais, despertar para a sexualidade, etc. Ao todo, cerca de vinte livros onde ela fala apenas dela. Então, como entender esse reconhecimento universal?

Sem dúvida porque não é por narcisismo nem por masoquismo que ela se toma como sujeito do seu blábláblá, mas ela se faz passante de sua historização, ao rejeitar a auto ficção, para torná-la um bem comum. Sua pergunta é "como dizer isso?" e não apenas "como se dizer?" É uma ética que não é a da histórica - que talvez se possa definir como "ser a única" - nem a do mestre - ética para todos - nem a da universidade - ética da verdade - mas uma ética próxima a do analista: como está escrito em nosso argumento, por um lado uma ética do desejo e do Bem-dizer que "que permanecem apesar de tudo na estrutura e no universal"² mas também o que se deve chamar de uma ética da singularidade que "desliza entre o particular e o universal, passa pela historização, portanto por vias originais, traços distintivos por vezes acentuados em excesso"³. Não há vestígio em Ernaux desse "excesso" que desfaz laços sociais, confunde singularidade subjetiva e individualismo e faz da particularidade um novo traço de identificação comunitária. Em nossa época dominada pelo casamento do discurso do capitalismo com o da ciência, a promoção do gozo a todo custo se duplica dado o paradoxo de que o individualismo se faz à custa da diferença absoluta, do sujeito em sua relação com desejo, ao gozo e ao sintoma. Quanto mais "liberamos" os prazeres dos gêneros, mais enquadrados o sujeito no que se pode chamar de uma identidade

¹ Ernaux A.: "The young man", NRF Gallimard, Paris, maio de 2022.

² "A ética da singularidade" [em www.convencioneuropeamadrid-epfcl.com](http://www.convencioneuropeamadrid-epfcl.com)

³ A ética da singularidade" [em www.convencioneuropeamadrid-epfcl.com](http://www.convencioneuropeamadrid-epfcl.com)

pegajosa, baseada em um traço, muitas vezes em um comportamento. No entanto, para Lacan isso é apenas “manuseio e uso de seu ego”⁴ e o ego apenas uma “função de desconhecimento”. Desconhecimento de quê? fundamentalmente do sujeito do inconsciente, daquilo que faz a singularidade de cada um. Toda clínica baseada em comportamentos, em categorias descritivas como promove o DSM conduz a este mesmo paradoxo: por um lado, mais comunidades, mas menos do universal e do outro lado, mais do individual, mas menos do singular. É um novo obscurantismo que vem empobrecer o pensamento e vem colidir frontalmente com aquilo que a abordagem analítica acaba de tentar esclarecer: como o universal pode tomar não o para todos, mas o para cada Um ou em que o cada Um pode ajudar a compreensão do ser humano. É a mesma preocupação ética que encontramos em Annie Ernaux quando escreve: “Esta forma de escrever, que me parece ir na direção da verdade, ajuda-me a sair da solidão e da escuridão da memória, através da descoberta de um significado mais geral”⁵. Note-se, aliás, o que isso implica em relação ao seu estilo: quanto mais ela avança em sua preocupação com o Bem-Dizer, mais ela rejeita o estilo romântico, o estilo “belo” para o que não chamarei de escrita rasteira (ela o nega) mas uma escrita clínica, um estilo que corta e recorta, um esforço de decantar o mais próximo possível, para bordar o umbigo do indizível. Ela não borda, ela não escreve romances. É no verdadeiro amor à verdade como Lacan fala no Averso: “O que é o amor à verdade? É uma coisa que zomba da falta a ser da verdade’ pelo motivo que ele dá algumas linhas anteriores: “.../... nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que não pode ser dita inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer”⁶.

⁴ Lacan J. O Seminário, livro VI, O desejo e sua interpretação. Ed. Zahar, São Paulo, 2016, p. 16.

⁵ Ernaux A.: Une femme, la NRF, Gallimard, Paris, 1987, p.52

⁶ Lacan, J. O Seminário, livro XVII, O avesso da psicanálise. Ed. Zahar, São Paulo, 1992, p. 49.